

Celular é bem comunitário

Apenas oito quilômetros separam a ponta final do Lago Sul da região conhecida como Itapoã – que fica próxima à Barragem do Paranoá. Mas, ao contrário da distância que separa as regiões, o abismo socioeconômico entre eles é profundo. Em termos de quantidade de aparelhos telefônicos celulares, porém, não é o contraste que chama a atenção, mas a proximidade.

Segundo os dados da pesquisa, metade da população de moradores de áreas carentes tem telefones móveis. Em Planaltina, 56,8% da população possui o aparelho. Na Estrutural, 55% dos moradores têm celular. E no Itapoã, a cidade com a menor renda, 47,2% possuem um aparelho.

O aparelho é caro, diz a dona de casa Maria das Dores, 43 anos, mas é necessário, uma vez que não há linhas telefônicas fixas instaladas no Itapoã. "Quando a gente precisa falar, usa o orelhão, mas para receber uma chamada, ou mesmo para uma ligação de emergência, é bom ter o aparelho", explica.

Mas, se na área nobre de Brasília quase todos têm celulares, nas carentes o aparelho é repartido e utilizado por muitos. "Não tenho. Quando preciso, uso o do vizinho", diz o marceneiro José Messias, 30.